

AS MULHERES AFRICANAS NAS OBRAS “NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA” DE PAULINA CHIZIANE E “HIBISCO ROXO” DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

AFRICAN WOMEN IN THE BOOKS “NIKETCHE: A HISTORY OF POLYGAMY” BY PAULINA CHIZIANE AND “PURPLE HIBISCUS” BY CHIMAMANDA NGOZI

Waleska Miguel Batista¹
Anike Ruth Omidire²
Omotola Oluwadamilola Yusuf³

RESUMO: Neste artigo, busca-se apresentar as complexidades da sociedade africana a partir do diálogo com as temáticas empregadas nas obras da Paulina Chiziane *Niketche: Uma história de poligamia* e *Hibisco Roxo* de Chimamanda Ngozi Adichie, a fim de mostrar a discriminação de gênero existente e a pluralidade de experiências e vivências. As obras apresentam as relações de gênero, de maneira que as autoras denunciam as violências que as mulheres africanas são submetidas. Através da literatura africana contemporânea, e também de livros e periódicos, nota-se que as mulheres possuem especificidades em suas lutas por igualdade, que são constituídas a partir de sua região e cultura. Objetiva-se mostrar que a lógica de construção social do ocidente não deve ser o padrão universal na reflexão sobre a condição das mulheres no mundo. Conclui-se que as demandas feministas são amplas, complexas e heterogêneas, de modo que há uma pluralidade de debates sobre o feminismo nos países africanos.

Palavras-chave: Desigualdade de gênero. Cultura africana. Escritoras africanas. Mulheres negras.

ABSTRACT: This article aims to explore the complexities of African society through a dialogue with the themes presented in the works *Niketche: A Story of Polygamy* by Paulina Chiziane and *Purple Hibiscus* by Chimamanda Ngozi Adichie, highlighting the existing gender discrimination and the diversity of experiences. These works depict gender relations in such a way that the authors denounce the violence to which African women are subjected. Contemporary African literature, including books and articles, demonstrates that women face unique challenges in their struggles for equality, shaped by their region and culture. The objective is to argue that the social constructs of the West should not be considered the universal standard for reflecting on the condition of women worldwide. The conclusion is that feminist demands are broad, complex, and heterogeneous, resulting in a plurality of debates about feminism within African countries.

Keywords: Gender inequality. African Culture. African Female Writers. Black Women.

¹ Coordenadora da Graduação em Direito e professora da Graduação, do Mestrado e do Doutorado em Direito da Faculdade Autônoma de Direito (FADISP). Professora da Faculdade de Direito e Coordenadora do Centro de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros Dra. Nicea Quintino Amauro da PUC- Campinas. Pós-doutoranda em Educação pela Universidade de Campinas (UNICAMP). Doutora em Direito Político e Econômico pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Integrante do Grupo de Pesquisa Estado e Direito no Pensamento Social Brasileiro (CNPq). Diretora de Comunicação do Instituto Luiz Gama. Advogada. Bolsista FUNADESP.

² Doutora em Linguagens, Professora Doutora do Departamento de Linguagens na Universidade Obafemi Awolowo, Ife-Ife, Nigéria. Pesquisadora do Grupo de Estudos Afro-Brasileiros, Luso-Africanos e Gênero, vinculado a Universidade Obafemi Awolowo.

³ Graduada em Linguagens na Universidade Obafemi Awolowo, Ife-Ife, Nigéria. Pesquisadora do Grupo de Estudos Afro-Brasileiros, Luso-Africanos e Gênero, vinculado a Universidade Obafemi Awolowo.



1 INTRODUÇÃO

O ser humano é um animal social que interage com sua sociedade em todos os aspectos e contextos e, às vezes, cria regras culturais que modificam as já existentes, incluindo as regras que dizem respeito à construção de imagem das pessoas. No que se refere à imagem das mulheres, em específico, estas se inserem nas regras patriarcais que redefinem o modelo de gênero feminino e que por fim são naturalizadas e normalizadas. Isso acontece igualmente ao tratar as demandas das mulheres sem estabelecer as particularidades existentes. O processo de colonização e imperialismo evidencia as especificidades das demandas africanas.

A constituição de um imaginário sobre as sociedades africanas está ligada às relações de poder, as quais, uma vez criadas, são internalizadas pelo corpo social e são reproduzidas socialmente. Em decorrência, torna-se difícil culpar uma única pessoa pela formação ou implementação de estruturação sobre o papel social de raça e gênero que, em muitos casos, mantêm as mulheres em um lugar inferior aos homens, particularmente, as mulheres negras. A partir da leitura de formação da sociedade ocidental, nota-se que sua organização foi forjada na construção de um imaginário masculino universal de direitos e garantias, de maneira que as mulheres foram alijadas com justificativas pseudocientíficas.

Por outro lado, Oyěwùmí (2021) apresenta que as sociedades africanas tiveram outras diversas formas de se organizarem, não sendo possível tratar com equivalência as situações vivenciadas, exceto, que todas as mulheres do mundo compartilham o fato de serem mulheres, motivo que são expostas à discriminação. Importante destacar que autoras como Paulina Chiziane e Chimamanda Ngozi Adichie utilizam a literatura como forma apresentação de países africanos, a relação social nas sociedades do continente e também pautas de luta pelo fim da violência contra às mulheres, de modo que dão personalidade ativa às personagens femininas africanas das suas obras, *Niketche: Uma história de poligamia* e *Hibisco Roxo*, respectivamente. Esse engajamento literário aponta a

relevância na valorização das mulheres africanas e confirma o foco de qualquer feminista na luta pelo fim do sexismo e pela igualdade de gênero. Telles (1997) coloca o foco das feministas sem discriminar as mulheres na luta pela igualdade de gênero nas obras literárias.

Autoras negras norte-americanas como Angela Davis e Bell Hooks apontam caminhos para o olhar particular das mulheres negras, ou seja, que o feminismo ocidental imperialista não atende as demandas delas. Oyěwùmí (2021) afirma que a formação africana deve ter um olhar nativista, quer dizer, valorização da autoestima e cultura africana.

Com isso, debate-se a luta das mulheres negras com o feminismo decolonial que reconheça a valorização das mulheres no continente africano⁴. As autoras também afirmam a importância de compreender a singularidade da demanda das mulheres, visto que as mulheres dos seus livros possuem diversidade e especificidades.

A luta em favor da igualdade de gênero não trata de uma pauta anti-homem nem apenas por direitos, mas de reconhecimento da desigualdade de gênero (e de desigualdade racial) e de assumir posição contra a estrutura que naturaliza e normaliza o sexismo e o racismo. O imaginário público reproduz a falaciosa ideia de que a libertação das mulheres representa o aprisionamento e inferiorização do masculino. Mas Bell Hooks (2018) afirma que o feminismo é um movimento para acabar com a opressão sexista, e isso impõe posições radicais contra toda forma de exploração e apartação.

Ninguém nasce feminista. Ou seja, tanto homens quanto mulheres não nascem feministas, mas são formados. Por isso é tão importante a conscientização a respeito da institucionalização do sistema de dominação, as pautas de combate à violência, discriminação e adoção de posição revolucionária contra a estrutura que se alimenta das disparidades raciais e sexuais e ainda oprime tantas mulheres brancas e negras, ocidentais e orientais, conforme as particularidades que se apresentam na sociedade.

⁴ Importante compreender os aspectos de reconhecimento dos diversos feminismos na sociedade. A particularidade do decolonialismo é importante para pensar o sul global, conforme Vergès (2020).

Importante destacar que a África é um continente que contém, hoje, 55 países, compostos por cultura, religião, legislação e organização social muito distintos um dos outros. Em 2002, foi inaugurada a União Africana, substituindo a Organização da Unidade Africana, que se torna órgão responsável para decisão e organização dos países africanos no sentido de estabelecer a unidade econômica, política e sustentável a partir da especificidade deste continente. A pauta das mulheres africanas é uma agenda importante tanto à proteção dos direitos das mulheres quanto para o combate às violências de gênero.

Questionamos como as literaturas africanas podem contribuir com a reflexão sobre a diversidade de reivindicações das mulheres, especialmente, das mulheres africanas. Assim, objetivamos compreender as mulheres africanas, suas demandas de direitos e garantias e explicitar os diferentes contextos existentes na sociedade africana a partir da literatura de duas mulheres negras, reconhecidas por suas obras no âmbito de busca por igualdade de gênero. Para isso, apresentamos os livros *Nikette: Uma história de poligamia* e *Hibisco Roxo*, respectivamente, de Paulina Chiziane e Chimamanda Ngozi Adichie.

A partir da revisão bibliográfica de livros e artigos qualificados, no primeiro capítulo, apontamos as singularidades das mulheres negras africanas e as pautas diferenciadas do ocidente. No segundo capítulo, apresentamos a realidade das mulheres moçambicanas e a luta coletiva das mulheres contra estrutura da poligamia. No terceiro capítulo, evidencia a especificidade de algumas mulheres da Nigéria na obra da autora Chimamanda N. Adichie, bem como os espaços de luta e resiliência das mulheres com a luta coletiva, sororidade e combate à opressão. No quarto capítulo, apontamos as normas de garantias em defesa das mulheres no continente africano, bem como a singularidade da demanda por igualdade dessas mulheres. Conclui-se que as demandas feministas são amplas, complexas e heterógenas, de modo que há uma pluralidade de debates sobre o feminismo nos países africanos.

2 CONTEXTUALIZANDO A SINGULARIDADE DAS MULHERES NEGRAS AFRICANAS

Oyěwùmí (2021, p. 49) afirma que em algumas sociedades a condição gênero não precisa ter existido. No entanto, os estudos sobre essa temática e outras ainda são aplicados nas sociedades africanas confirmando o eurocentrismo e a visão ocidentocêntrica, ou seja, apenas com a visão do ocidente e norte global. É nesse caminho que algumas obras literárias de autoras africanas apresentam outras percepções das violências que as mulheres estão expostas e submetidas.

A formação de família não pode ser compreendida com olhares universalizantes, visto que, dentro da diversidade e complexidade africana, tona-se a existência de diversas construções sobre o papel dos indivíduos do grupo familiar, que abrange as famílias extensivas. Desta forma, a figura do patriarcado adota outra dimensão de violência de acordo com a cultura, religiosidade e estrutura da sociedade.

A hierarquia social ocidental é construída com padrões do patriarcado que aponta que o homem é considerado o provedor, logo, é também o trabalhador, e como tal, se torna o dono do espaço público. Por outro lado, a mulher tem o seu lugar marcado na sociedade, limitado ao espaço doméstico, que é considerado o espaço 'natural' de toda mulher que deve se dedicar as tarefas do lar. Ou seja, a visão sobre o lugar da mulher destinada ao âmbito privado. No entanto, em algumas sociedades africanas, os papéis atribuídos ao homem e a mulher estão conectados na dimensão de resistência a colonização que tentou negar o direito à família. Nessas sociedades, a família é o pilar da organização social. Lucia Marilena Guidicini (1987) contesta essa ideia do espaço privado como o âmbito natural da mulher. Ela explica que isso é uma forma machista de deformação da realidade em defesa dos próprios interesses e do monopólio do espaço público. Também critica a falta de acesso das mulheres às atividades profissionais. Isso é apenas um estratagema para evitar a participação das mulheres que podem ter um desempenho muito melhor que os homens (Omidire, 2014).

O campo literário nos coloca diante de uma análise crítica dos eventos cotidianos e ideias promovidas na sociedade patriarcal que possibilita localizar onde se insere essa marginalização e dominação das mulheres. Le Roux corrobora essa opinião ao afirmar que,

“em muitos casos, textos ficcionais são principalmente o único que possa ser usado para salientar alguns assuntos e iluminar a existência, percepção e experiência de um certo povo” (Le Roux, 2005, p. 22 *apud* Okolo, 2019, p. 65, tradução nossa).

A imagem distorcida das mulheres nas obras literárias, filmes e novelas afeta a formação da subjetividade das meninas e das mulheres, especialmente, quando se refere a dupla discriminação de raça e gênero, que faz com que as mulheres negras sejam alvo de outras violências acumuladas como as condições de trabalho e sentimentos. Como resultado, a sociedade constitui a ideia de que as mulheres africanas não são intelectuais ou que suas demandas são as mesmas do ocidente. Mulheres negras do ocidente e mulheres negras do oriente apresentam reivindicações distintas.

A imagem distorcida das mulheres nas obras literárias afeta sua autoestima e constrói um imaginário limitado das possibilidades de sonhos e aspirações, pois acham que essa é a única imagem possível excluindo outras formas de serem representadas. Apesar dessa construção negativa, há autores e autoras comprometidos com a visão crítica das mulheres e da realidade de tudo que é ligado a africanidade como a Paulina Chiziane e Chimamanda N. Adichie. Para além disso, a construção positiva de mulheres negras africanas explicita a valorização de sua cultura, intelectualidade e ancestralidade, bem como da identificação de leitores de livros africanos com a temática do sexismo a encontrar conexões. Para os afrodescendentes⁵, é uma oportunidade para autoidentificação com a diáspora.

A visão ocidentalizada sobre a estruturação familiar das sociedades africanas insere a lógica de que não havia civilidade e de que as mulheres estavam expostas a casamentos arranjados, e que isso não era adequado; que o dote era contrato de venda das mulheres; e outras situações em sentido negativo, sem a reflexão e compreensão daquela estrutura. Contudo, Oyěwùmí (2021) afirma que as interpretações negativas são resultado do eurocentrismo e ocidentalismo. Essa autora afirma que é o caso do debate da poligamia em diversas sociedades africanas que foi entendida como algo negativo por sociedades do

⁵ Afrodescendentes são todas as pessoas conectadas com sua ancestralidade africana no mundo. A partir disso, cada Estado reconhece e cria suas formas de reconhecimento da raça socialmente construída. No entanto, o reconhecimento é parte da memória.

ocidente e europeia. Por isso, sobre o grupo lorubá, a autora elucida como a definição de conceitos não é simplista porque atinge a estruturação das relações sociais (Oyěwùmí, 2021, p.107)⁶.

Como todas as formas de casamento, a poligamia como instituição social não é inerentemente boa ou ruim. Há bons casamentos e maus casamentos, poligâmicos ou monogâmicos. A história do casamento monogâmico no Ocidente e as articulações feministas de como esta instituição tem sido opressiva para mulheres e crianças não revelam a monogamia como um sistema que inerentemente promove o interesse de uma esposa (oyěwùmí, 2021, p. 108).

A autora afirma que “A poligamia pode, portanto, ser interpretada como uma instituição de privação/disciplina masculina, em vez de privilégio ou licença sexual masculinos”, pois, na antiga sociedade Oyó, o casamento com outra mulher precisava de autorização da outra mulher.

Com a colonização, toda estrutura de organização do Estado europeu foi internalizada na constituição dos países africanos, especialmente a articulação de raça e gênero. Da mesma forma, outras formas de exploração e opressão foram definidas que refletem o ordenamento jurídico africano até os dias de hoje.

A consolidação da União Africana em 2002 foi um fator importante de organização social dos países africanos após a independência. Porém, muitos temas apontados pelos Estados passaram a ser considerados dentro das percepções das realidades africanas, a tal ponto de os Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável terem sido reconhecidos com a Agenda 2063 para a África e 2030 para os demais Estados-Membros da Organização das Nações Unidas envolvidas. Importante mencionar que em 2015 aconteceu a Conferência para o Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas, que reconheceu 17 objetivos com 169 metas para definição de ações dos Estados-membros da ONU sobre aspectos sociais, econômicos e ambientais para as gerações presentes e futuras (Nações Unidas, 2015).

⁶ “A poligamia é frequentemente interpretada como um sinal de privilégio masculino e subordinação feminina. Essa abordagem, no entanto, não é apenas simplista, mas incorreta, particularmente quando a situação contemporânea é lida desde a história”. A autora também fala sobre a polígama em Oyó e o sentido de responsabilidade nas relações polígamas (Oyěwùmí, 2021, p. 107).

Desta forma, compreendendo a complexidade e heterogeneidade das lutas das mulheres nos países africanos, a partir das leituras das obras literárias da Paulina Chiziane, mulher negra e moçambicana e da Chimamanda N. Adichie, mulher negra e nigeriana, que apresentam em suas obras a figura de mulheres em países africanos, destacamos considerações a respeito das pautas de luta contra a discriminação de gênero das personagens no contexto de países africanos para mostrar outras formas de luta das mulheres para além do ocidentalismo.

3 AS MULHERES MOÇAMBICANAS E O POLIGAMO AMANTISMO EM *NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA*

Na obra *Nikette: Uma história de poligamia* a autora, Paulina Chiziane usa seu estilo literário para denunciar a exploração das mulheres moçambicanas pelos homens moçambicanos. A presença da cultura africana e a religião cristã especificamente deram uma ampla oportunidade para os homens enganarem às mulheres, pois fingiam ser homens que respeitavam à cultura, mas, na verdade, tudo não passava de estratégia para violentar e explorar aquelas que os amavam de verdade e que confiavam neles.

A exploração pode ser entendida como abuso físico, como espancamentos e estupro, ou a exploração indireta, que acontece através da violência psicológica, verbal e que resulta no rompimento do relacionamento no aspecto material⁷.

Na referida obra de Paulina Chiziane, destaca-se a violência emocional que todas as mulheres sofrem, ainda que em medida diferente. No romance, Rami é a primeira vítima de exploração emocional que é cometida pelo seu marido Tony, um comandante da polícia. A relação entre os dois a deixa emocionalmente perturbada e triste, ela se sente esgotada e instável. Rami é uma esposa fiel ao marido, sempre cuidando da casa e dos

⁷ Importante mencionar que a exploração das mulheres acontece também quando o seu trabalho doméstico, prestado no âmbito familiar sequer é reconhecido como trabalho, sequer tem o mesmo valor atribuído a outras atividades; também se constata quando as mulheres recebem salários baixos e em condições precárias. Silvia Federici narra o trabalho oculto das mulheres: “O trabalho doméstico, na verdade, é muito mais que a limpeza da casa. É servir a mão de obra assalariada em termos físicos, emocionais e sexuais, prepará-la para trabalhar dia após dia por um salário. É cuidar de nossas crianças- futura mão de obra-, ajudá-las desde o nascimento e ao longo de seus anos escolares e garantir que elas também atuem atrás de cada fábrica, cada escola, cada escritório ou mina existe o trabalho oculto de milhões de mulheres, que consomem sua vida reproduzindo a vida de quem atua nessas fábricas, escolas, escritórios e minas” (Federici, 2021, p. 28-29).

filhos sem deixar nenhum motivo para reclamações na concepção do seu companheiro. Na verdade, ela só vive para o casamento e para o marido, de modo que não tem vida própria e tudo lhe importa é a felicidade dele. Rami declara:

[...] obedecer, sempre obedeci. As suas vontades sempre fiz. Dele sempre cuidei. Até a sua loucura suportei. Vinte anos de casamento é um recorde nos tempos que ocorrem ...fiz dele o homem que é. Dei-lhe amor, dei-lhe filhos com que ele se afirmou nesta vida. Sacrifiquei os meus sonhos pelos sonhos dele. Dei-lhe a minha juventude, a minha vida por isso reafirmo, mulher como eu, na sua vida, não há nenhuma! [...] (Chiziane, 2004, p. 14).

De maneira oposta, o marido se esconde atrás de seu trabalho, e não dá atenção a sua mulher e aos filhos. Muitas vezes, ele culpa os horários de trabalho e os deveres no escritório e se posiciona como vítima de uma sociedade capitalista⁸, bem como usa a cultura africana para justificar sua atitude machista, com o argumento de que na cultura africana o homem não fica em casa. Para ele, o espaço doméstico é exclusivo das mulheres, no entanto, isso é só uma forma de dominação, porque enquanto sua mulher fica em casa, ele pode ficar com outras mulheres, as quais ele estabeleceu relacionamento conjugal, mas sem o consentimento da dela. Ele tinha “amantes” pela cidade.

Olho para todas elas. Mulheres cansadas, usadas. Mulheres belas, mulheres feias. Mulheres novas, mulheres velhas. Mulheres vencidas na batalha do amor. Vivas por fora e mortas por dentro, eternas habitantes das trevas. Mas porque se foram embora os nossos maridos, por que nos abandonam depois de muitos anos de convivência? Por que nos largam como trouxas, como fardos, para perseguir novas primaveras e novas paixões? Por que é que, já na velhice, criam novos apetites? Quem disse aos homens velhos que as mulheres maduras não precisam de carinho? Oh, meu Tony! Queria tanto que estivesse presente. Ninguém pode entender os homens. Como é que o Tony me despreza assim, se não tenho nada de errado em mim? (Chiziane, 2004, p. 12-13).

Chega um momento, após mais de vinte anos de casamento, que a esposa de Tony percebe estar diante de um homem explorador e que acha que as mulheres são objetos de prazer. Miriam Furian Brighente em sua análise sobre o *“Feminismo Socialista e Pedagogia das Mulheres Oprimidas Um Caminho Libertador em Tempos de Neoliberalismo”*, ecoa a afirmação de Jagga (1988) sobre a teoria do Feminismo socialista que procura libertar as mulheres dos homens exploradores, “a promessa mais convincente de construção de uma

⁸ Homens, mulheres e crianças são vítimas da sociedade capitalista, mas é inaceitável a exploração e violência que Tony pratica contra suas mulheres.

teoria e prática adequadas para a libertação das mulheres” (Brighente, 2020, p. 3). Na mesma maneira Brighente cita Freire e elabora seu posicionamento teórico contra a exploração das mulheres, destacando a necessidade de uma nova educação cujo objetivo é libertar, emancipar⁹.

Tony explora o amor que Rami e as outras amantes – Julieta, Luísa, Saly e Mauá sentem por ele. Tony aparece em casa quando quer, a comunicação entre eles começa a se reduzir porque ele tem outras fontes de satisfação emocional. Ele se posiciona como um “*Super Homem*” aquele que é o dono de todas e explora psicologicamente tanto sua mulher como suas amantes. Todas elas se adequam dentro de uma poligamia amantista, ou seja, as mulheres envolvidas com Tony desconheciam os outros relacionamentos dele¹⁰. Em que pese os problemas apontados quanto a solidão, a substituição por uma mais nova, como se as mulheres tivessem prazo de validade e partir de determinada idade não precisassem mais de amor e atenção. O modo como as mulheres de Tony se apaixonam por ele evidencia o controle emocional que ele tem sobre essas mulheres, bem como a vulnerabilidade psicológica delas, que sabendo que ele possui outras mulheres, insistem em manter a relação¹¹.

Não podemos exonerar a cultura africana moçambicana que deu um suporte e ou cobertura para o gênero masculino ter liberdade para fazer o que quiser dentro da relação de gênero. Nota-se no livro que é a mulher que tem que contribuir com mais tempo, mais amor e atenção no casamento, ela tem que cuidar do marido, cuidar da casa, cozinhar e cuidar dos filhos, mas ninguém cuida dela quando o marido vai para as casas das

⁹ “Tanto o feminismo socialista quanto uma pedagogia das mulheres oprimidas buscam transformar o sistema capitalista, sexista, capacitista e racista ao mesmo tempo em que almejam o advento de um novo mundo: justo e livre de opressão. Isso não é possível sem uma educação libertadora. Não estou falando de uma educação tradicional que segue um currículo pré-fabricado, criado e executado de cima para baixo, mas de uma educação conscientizadora, libertadora, feminista, socialista e popular, criada coletivamente em uma relação horizontal, dialógica e democrática. No final, não apenas a opressão de uma classe social deve desaparecer, mas também as opressões de raça/etnia, gênero/sexo e de ordem capacitista” (Brighente, 2020, p. 3).

¹⁰ Apesar da poligamia ser legalizada em muitos países africanos, ela exige que todos os envolvidos estejam cientes da existência dos demais. Assim, quando há relacionamentos externos, adota-se a figura do amante. Por isso, o uso da expressão *poligamia amantista*.

¹¹ Na obra de Paulina Chiziane, percebe-se que as mulheres mantêm a relação também pela dependência econômica. Muitas delas dependiam de Tony para alimentar a si e os filhos, além de lhes garantir o “status” de mulheres “casadas” (Chiziane, 2022).

concubinas. Da mesma forma que a cultura moçambicana retratada exige que a mulher deve ser *lobolada*¹² pelo marido, de maneira que ela se torna uma propriedade do homem.

Segundo Signe Arnfred, “a poligamia moderna dá mais poder ao homem porque a mulher continua no estado de submissão ao homem e de dependência do seu marido” (Arnfred, 2011, pp. 88-90). O modo de servir o marido também é uma forma de exploração que dá a mulher a impressão de que ela é inferior ao homem, ele deve ser tratado como um rei. “Ele vai-se desfazendo entre ofensas e galanteios. Não vê as feridas que abre. A ideia de ofensa nem existe, pois não corre nenhum perigo. Perigo de quê? As mulheres são suas. Loboladas. Compradas. Apaixonadas” (Chiziane, 2002, p. 139). Toda repressão e marginalização das mulheres estão representadas por algumas práticas da cultura e isso coloca as mulheres como “*Cidadãs de segunda classe,*” usando o termo de Buchi Emecheta (2018)¹³.

É importante analisar o esquema de poligamia na sociedade africana depois da colonização. Em alguns casos, a cultura é utilizada como desculpa para reprodução de comportamentos envolvidos na poligamia. O personagem Tony acredita que ele tem o privilégio de se casar com muitas mulheres porque ele é um homem, e mesmo que ele ainda ame Rami, a sua primeira esposa, ele continua a sustentar a poligamia *amantismo* (Arnfred, 2011, p. 89 *apud* Omidire, 2014). Contudo, a reação de Rami e das outras amantes de Tony contra a dominação representa a ideologia de Feminismo Ancestral na África, usando *Female Bonding* para lutar contra essa repressão patriarcal.

Na etologia e nas ciências sociais, o vínculo feminino é a formação de um relacionamento próximo e padrões de amizade, apego e cooperação nas mulheres. (...) Dentro do contexto das relações humanas, a definição e a manifestação do vínculo feminino podem depender de múltiplos fatores como idade, orientação sexual, cultura, raça e estado civil. Por exemplo, alguns estudos mostraram que há evidências relativamente fortes de vínculos femininos, que são compartilhados entre mulheres solteiras. É evidente que essa corte particular de

¹² Lobolada refere-se ao Sistema tradicional em que o ‘lobolo’ de uma mulher moçambicana é pago antes de casar. Lobolo é um dinheiro ou outras matérias que um homem paga para a família da mulher que ele quer se casar de acordo com cultura de Moçambique, que apresenta várias especificidades. É o conhecido “dote”.

¹³ “Se repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal” (Adichie, 2015). Esta autora está apontando que quanto mais normalizado e naturalizado a reprodução da violência contra às mulheres, ela não passa a ser questionada como um problema. E a violência aponta a existência de um grave problema estrutural. A autora completa que “Se só os homens ocupam cargos de chefia nas empresas, começamos a achar ‘normal’ que esses cargos de chefia só sejam ocupados por homens” (Adichie, 2015).

mulheres se vê como confidentes ao longo da vida devido à ausência de compromisso com o cônjuge. Junto com isso, a falta de compromisso permite que as mulheres desenvolvam e mantenham fortes laços entre outras amigas solteiras... O vínculo feminino pode ser mais explorado no contexto humano das relações familiares (Allen; Bliezner; Robert, 2011).

Allen, Bliezner e Robert descrevem o *Female Bonding* como um termo que designa uma forma de amizade, de cooperação e afeto entre as mulheres, e que alguns fatores o afetam como idade, orientação sexual, cultura e estado civil (Allen; Bliezner; Robert, 2011, p. 1156)¹⁴. *Female Bonding* existe entre as solteiras que sofrem em razão de alguma relação amorosa (Omidire, 2018, p. 64). No contexto do romance em análise, essa reação das mulheres representou a derrota do patriarcado e do machismo, as mulheres não reagiram às ações de Tony na maneira esperada, Rami em particular reagiu como uma feminista, assumindo uma posição: “...Pois hoje quero lutar pelo meu. Vou empunhar todas as armas e defrontar o inimigo para defender o meu amor...” (Chiziane, 2004, p. 19), e esse tipo de decisão foi observado por Senkoro ao afirmar que “sem libertar a mente, a psique, o mundo aprisionado e as perspectivas, as crenças, as atitudes que muitas vezes afetam a autonegação e a difamação, nenhuma consciência positiva de gênero pode ser alcançada” (Senkoro, 2005, p. 11 *apud* Okolo, 2019, p. 65, tradução nossa).

Rami vê as outras esposas de Tony como suas irmãs, desse modo, ela pôde desenvolver um sentimento de irmandade entre elas a fim de lutar contra a cultura da poligamia, especialmente, essa poligamia amantista. Ela lidera as outras mulheres de Tony, educando-as para que percebam o quanto elas são usadas como objetos descartáveis e sem nenhum valor. Em uma série de questionamento que fazem com Tony que se revolte, orgulhando-se de seu poder machista, ao afirmar que “[...] Traição? Não me faça rir, ah, ah, ah! A pureza é masculina, e o pecado é feminino. Só as mulheres podem trair, os homens são livres, Rami [...]” (Chiziane, 2004, p. 29). No seu argumento, ele confirma a objetivação da mulher que Rami já havia identificado.

Parece que essa declaração de Tony não basta, ele confessa para todas as cinco mulheres, dizendo que ele se casa com todas elas somente para variar de

¹⁴ Sororidade é o conceito utilizado pela Bell Hooks (2018) para apontar a importância de que as mulheres sejam solidárias e que as mais velhas orientem as mais novas quanto a luta contra as desigualdades. Bell Hooks afirma que a “sororidade é poderosa”.

mulheres e não por amor. Ele atribui a cada uma delas uma função específica na vida dele: Mauá é como seu franguinho, Saly é para cozinhar. Ele gosta dela também porque é boa de briga e suas brigas o ajuda para relaxar os nervos. Lu é boa de corpo. Ju para o jogo machista e Rami representa a castidade da mulher. Acrescentando, ele diz que acaba de arrumar outras mulheres para completar a sua coleção. Eva, a sexta conquista dele é uma mulata que lhe serviria para corrigir as cores das suas esposas porque a maioria são pretas muito escuras. Quanto a Gabi, a sétima mulher, ele resolveu ficar com ela para dar carinho a ela porque ela tem dinheiro mas não tem marido nem filho (Omidire, 2014, p. 120).

A partir da mobilização de Rami, todas elas ficam nuas na frente de Tony, e elas pedem que ele sacie seu desejo sexual e ele quase enlouquece por causa dessa ação das mulheres, mas, para se proteger, ele culpa a cultura patriarcal africana por seu ato infiel. De modo súbito, ele começa a chorar e pede perdão a elas porque como um homem africano ele reconhece o poder da nudez das mulheres.

Várias vezes, quando as mulheres se juntam para demonstrar sua resistência, um poder incontornável é exibido. No fim, Tony leva as mãos à cabeça, depois no rosto para esconder seus olhos, gritando, “[...] Meu Deus! Por favor, parem com isso, por Deus, que azar é este que me dão agora! [...]” (Chiziane, 2004, p. 143). “[...] não me culpes, Rami, não fui eu quem inventou o mundo e suas tradições. Muito antes de eu nascer, os homens já eram assim” (Chiziane, 2004, p. 300). É importante valorizar o papel de Rami, a protagonista da obra de Paulina Chiziane porque mesmo vivendo sob um rígido sistema patriarcal legitimado pela cultura africana que coloca a mulher em uma posição subalterna, ela desafia o sistema patriarcal por meio da opressão sofrida em seu relacionamento conjugal e vence o poder patriarcal.

Cumprido destacar que dada a diversidade de pautas das mulheres nos países africanos a pauta da poligamia encontra outras complicações de construção a partir da descolonização dos costumes e mentes, e do enfrentamento as estruturas do imperialismo.

4 O SILÊNCIO E A REVOLTA DA PROTAGONISTA BEATRICE EM *HIBISCO ROXO*

Ainda que a literatura seja ficção, ela nos leva a refletir sobre a realidade que nos cerca por meios dos temas relacionados à situação do povo, mostrando os aspectos da

cultura, da política, da economia e da sociedade em que o sujeito está inserido. A literatura africana explora muito o cotidiano da comunidade. Desse modo, podemos afirmar que é quase impossível encontrar uma obra literária africana que exclua as tradições e os valores de uma sociedade.

A literatura nigeriana toma “matéria” das realidades das condições de vida e dos sistemas de valores nigerianos no passado e no presente. Na sociedade nigeriana, o escritor, seja romancista, dramaturgo ou poeta é um “questionador” e um reformador sensível; como toda literatura, de certa forma, é uma crítica da condição humana que pode ser obtida na sociedade que ela espelha (Adetuyi, 2017, p. 22, tradução nossa).

A literatura contemporânea da Nigéria é um repositório de vivência cultural do povo nigeriano e uma fonte principal de educação para cada geração de jovens. As obras literárias nigerianas, portanto, podem ser consideradas um manancial de informação cultural e podem ser usadas para apreciar a cultura, as religiões, além de mostrar as inter-relações entre os gêneros -masculino e feminino. A literatura contemporânea nigeriana e africana de modo geral leva os leitores a apreciarem as representações estéticas. Alguns autores como Wole Soyinka, Chinua Achebe, Chimamanda Adichie, Buchi Emecheta entre outros já conquistaram seu espaço na literatura nigeriana e no cenário literário internacional, a ponto de serem referência para outros escritores¹⁵.

A partir das obras da Chimamanda Adichie (2006, 2015), é possível compreender que a Nigéria, como os outros países africanos, é formada por uma sociedade estruturalmente patriarcal onde o gênero masculino é naturalmente designado para o papel de líder enquanto o gênero feminino por sua vez é designado para servir, para o trabalho doméstico, em todos os aspectos, seja socioeconômico, político ou religioso, a mulher é vista como fraca e frágil. Além disso, a liberdade e direitos humanos das mulheres são limitados.

¹⁵ Chimamanda afirmou que, quando escreveu *Hibisco Roxo*, um jornalista comentou que seu livro era feminista. “Seu conselho – disse, balançando a cabeça com um ar consternado – era que eu nunca, nunca me intitulasse feminista, já que as feministas são mulheres infelizes que não conseguem arranjar marido” (Adichie, 2015). A autora narra também que uma professora lhe disse que o feminismo era antiafricano. Nesse sentido, constatamos a resistência presente para as pautas feministas em sua cultura.

Durante o período colonial e mesmo durante o período pós-colonial, as mulheres eram subjugadas e dominadas de várias maneiras e níveis (Jaiyeola, 2020). O tratamento estereotipado colocou as mulheres no lugar de cidadã de segunda classe, inclusive, na educação, os homens obtêm vantagens sobre as mulheres nigerianas, mesmo possuindo uma qualificação igual ou até superior à dos homens, as mulheres continuam ganhando menos que os homens no mercado de trabalho. Das mulheres nigerianas, bem como de quase todas as mulheres do mundo, são esperadas que façam todos os trabalhos domésticos, cuidar dos filhos, cuidar de marido, cozinhar e limpar a casa. Hoje em dia, algumas mulheres, mesmo obtendo uma educação avançada ainda sofrem dessa discriminação de gênero de uma maneira ou de outra porque é a sociedade patriarcal que determina seu espaço¹⁶.

Adichie observa esse estereótipo das mulheres na sociedade ao apontar que “dizemos para meninas ‘você pode ter ambição, mas não muita’, ‘você deve ansiar para ser bem-sucedida, mas não muito bem-sucedida, caso contrário, você vai ameaçar o homem’” (Adichie, 2015 [e-book]). A cultura africana concede posição superior mais aos homens do que a mulher e esta ideologia continua a controlar o modo como a sociedade se relaciona com a mulher¹⁷.

Um dos fatores que acentua a subjugação das mulheres é a estratificação social e a diferenciação entre os dois gêneros. Quando um gênero já se sente superior ao outro, tal comportamento cria limitações para o outro gênero socialmente, politicamente e socioeconomicamente. Na sociedade nigeriana, patriarcado é um grande fator determinante na relação entre o homem e a mulher, destacando-se quanto a estruturação do poder. Makama afirma que na sociedade nigeriana se constata “um sistema de estratificação e diferenciação social com base no sexo, que proporciona vantagens

¹⁶ “Quando um sujeito entra num restaurante e o garçom o cumprimenta, será que não passa pela cabeça dele perguntar porque o garçom não cumprimentou sua acompanhante? Os homens precisam se manifestar em todas essas pequenas situações” (Adichie, 2015).

¹⁷ “Seis meninas da minha turma de primeiro ano estão casadas. Os maridos vêm visitá-las de Mercedes e Lexus todo fim de semana, compram estéreos, livros e geladeiras para elas e, quando elas se formarem, eles que vão ser os donos delas e de seus diplomas” (Adichie, 2006, p. 83).

materiais aos homens, ao mesmo tempo em que impõe severas restrições aos papéis e atividades das mulheres” (Makama, 2013, p. 116, tradução nossa).

Analisando a questão de gênero na obra *Ribisco Roxo*, na relação entre a protagonista Beatrice e Eugene, seu marido, há algumas restrições sobre a definição de suas atividades diárias, pois ela deve obedecer todas as regras e recomendação de Eugene. Ela é silenciada e não tem liberdade para expressar nenhuma opinião. E por causa de sua construção social, Beatrice aceita todas as decisões do seu marido, inclusive, à violência doméstica. A primeira vez que ela desobedece uma ordem de Eugene, ela e a filha Kambili são castigadas, ficando muito machucadas como resultado da fúria do marido (Adichie, 2006).

Ele começou a me chutar. As fivelas de metal de seus chinelos doíam em minha pele como mordidas de mosquitos gigantes. Papa falou sem parar, descontroladamente, misturando Igbo com Inglês, carne macia com ossos afiados. Ímpios. Idolatria pagão. Fogo de inferno. O ritmo dos chutes foi aumentando [...] (Adichie, 2006, p. 216).

A personagem do romance fica com o marido violento sem reclamar do abuso psicológico, físico e emocional que sofre e até se orgulha e se considera privilegiada por ser a esposa de um homem rico, influente e praticante da fé católica. Essa atitude representa a profundidade da dominação, pois a opressão sofrida no casamento é deixada de lado ou minimizada.

Desse modo, podemos ver como a religião e a tradição africana étnico Igbo relatada no livro influencia a mentalidade dessa mulher que sofre tudo em silêncio e não reclama. Ela acredita que não pode viver sem Eugene, o seu marido. Na sua confissão, comenta para a filha, Kambili, que está feliz porque o marido não se casou com outra mulher mesmo que a família dele permitisse isso. “Tradição, cultura e religião ditaram relações entre homens e mulheres durante séculos e a dominação masculina entrincheirada na estrutura de organização social e instituição em todos os níveis de liderança” (Makama, 2013, p. 116, tradução nossa).

Na verdade, essa atitude conformista diante da repressão de gênero feminino da Beatrice não serve como o parâmetro para julgar todas as mulheres da etnia Igbo, na

Nigéria, pois, na obra, sua cunhada, Aunty Ifioma reage totalmente diferente às regras patriarcais. Aunty Ifeoma é a irmã de Eugene, que mora e trabalha na universidade de Nsukka. Ela é viúva e mãe de três crianças Obiora, Chima e Amaka. Ela se tornou mãe viúva depois da morte de seu marido e muitas vezes, mesmo necessitando de apoio financeiro de seu irmão, Eugene, que é rico, ela não pede nada a ele.

Aunty Ifeoma representa a uma mulher nigeriana que tem voz e confiança e é destemida. Ela rompe com todos os estereótipos sobre a mulher na sociedade nigeriana, optando por não se casar novamente, mas decide cuidar de seus filhos sozinha, sem pedir ajuda de seu irmão fundamentalista ou de qualquer outro homem. A personagem também representa a quebra das normas religiosas católicas que aprisionam a família de Eugene. Aunty Ifeoma faz o que ela quer sem permitir que a ideologia da colonização influencie sua crença, sua cultura ou sua tradição na qual foi criada e transmitida por seu pai Papa Nnukwu, o tradicionalista. Isso se reflete na educação que ela deu aos seus filhos, visto que eles têm a oportunidade de ver o baile de máscaras e falam como quiser na casa. Como uma feminista, Aunty Ifeoma não deixa que a sociedade controle sua vida, ela enfrenta a pressão da sociedade e não permite que as tradições sejam justificativas para ser oprimida e que serve, em alguma medida, para tentar regular a vida de todas às mulheres, especificamente, das viúvas. Ela decide ignorar os boatos da família de seu falecido marido que diz que foi ela quem matou o marido. Ela representa, portanto, a mulher nigeriana emancipada, pois não tolera discriminação e a denúncia:

Talvez eu leve hoje, embora neste momento esteja sem forças para enfrentar a família de Ifediora¹⁸. Todo ano eles comem mais e mais merda. As pessoas da umunna dele disseram que ele deixou dinheiro em algum lugar e que eu o estou escondendo. No Natal passado, uma das mulheres da propriedade deles até disse que eu havia matado Ifediora. Fiquei com vontade de encher a boca dela de areia. Depois achei que seria melhor sentar com ela e explicar que a gente não mata um marido que ama, que não orchestra um acidente no qual um trailer bate no carro dele. Mas por que perder meu tempo?¹⁹ (Adiche, 2006, p. 82).

Contrário à Beatrice que acredita que é o homem quem mais importa na vida de uma mulher, Aunty Ifeoma acredita que o casamento não é o único caminho para uma

¹⁸ Ifediora é o sobrenome do Marido falecido de Aunty Ifeoma.

¹⁹ Umunna significa o nome do grupo familiar na língua Igbo na Nigéria.

mulher obter sucesso e felicidade na vida, ao defender os direitos das mulheres, ela comenta:

Você esqueceu que Eugene se oferece para comprar um carro, antes mesmo de Ifediora morrer? Mas primeiro ele queria que nós mandássemos Amaka para a escola do convento. Ele até queria que eu parasse de usar maquiagem! Eu quero um carro novo, *nwunye m*, e eu quero usar meu fogão a gás novamente, quero um freezer e eu quero dinheiro para que eu não tenha que desvendar as costuras das calças de Chima quando ele as ultrapassar. Mas eu não vou pedir ao meu irmão que se incline para que eu possa lambe suas nádegas obter essas coisas (Adichie, 2006, p. 103, tradução nossa).

Essa justaposição das duas mulheres na obra de Chimamanda N. Adiche confirma a posição dos psicólogos ao afirmarem que cada um reage diferentemente às coisas que lhe afetam e não podemos generalizar esta reação. Os psicólogos estadunidenses explicam como essas duas reações estão baseadas na experiência social. Fiske e Taylor (2010) indicam que cada pessoa reage ao evento de maneira diferente e essa distinção individual afeta a maneira com que tal pessoa processa a experiência traumática: “Não tem um fato total para julgar de maneira exato uma situação. É como as pessoas se ver e pensar do mundo social, especificamente, como as pessoas selecionam e interpretam, lembram e usam as informações para fazer julgamento ou tomar decisão” (Fiske; Taylor, 2010, p. 49 *apud* Omidire, 2018, tradução nossa)²⁰. A vingança de Beatrice concretiza esta afirmação, pois ela envenena o marido e isso acaba na morte dele, é uma atitude de vingança extrema e mostra seu estado mental pós-trauma, resultado da violência doméstica e da repressão do marido, Eugene.

A opressão contra as mulheres também é retratada no que tange a dependência econômica de Beatrice em relação ao seu marido. O empoderamento econômico tem um papel importante na relação de gênero, quando a mulher é financeiramente dependente, ela acaba sendo serva e robô do marido. É verdade que a sociedade patriarcal limitou o espaço para qualquer mulher avançar na estrutura social e econômica, muitas vezes, as vagas de trabalho nas empresas são sempre reservadas para o homem: “O gênero também

²⁰ Não tem um fato total para julgar de maneira exato uma situação. É como as pessoas se ver e pensar do mundo social, especificamente, como as pessoas selecionam e interpretam, lembram e usam as informações para fazer julgamento ou tomar decisão (Aronson, Wilson; Akert, 2010, p. 45).

pode ser um fator de interesse empreendedor, já que os homens têm maior propensão empreendedora do que as mulheres” (Yordanuwa; Tarrazon, 2010; Rash *et al.*, 2013 *apud* Oluwadare; Omoniyi, 2019, tradução nossa).

Na obra, Beatrice não tem liberdade para desenvolver seu potencial, uma vez que o uso de suas habilidades e competências estão restritas apenas ao espaço privado, ou seja, doméstico, vivendo para servir e cuidar do seu marido, Eugene, que, por outro lado, assume a figura do provedor da família. Beatrice se conforma totalmente com a repressão e violência doméstica, o que afeta sua disposição e saúde mental, o potencial que deveria ser usado para seu desenvolvimento é inutilizado em trabalho doméstico, impedindo a sociedade de se beneficiar de seu potencial e de sua capacidade.

A obra *Hibisco Roxo* mostra o quanto Eugene usa seu poder para controlar Beatrice, além de usar a posição favorável que a cultura e a tradição lhe oferecem como argumento para manter a mulher confinada ao espaço doméstico, sem trabalho remunerado, sem direito a voz e totalmente submissa a ele. Assim não tem como se beneficiar do espaço público mesmo com toda limitação, “Porém, alguns fatores como o acesso ao crédito, social e fatores culturais ainda inibem o empoderamento econômico da mulher e seu empreendimento” (Siba, 2016 *apud* Oluwadare; Omoruyi, 2019, p. 34, tradução nossa).

Os documentos oficiais da União Africana têm reconhecido em conjunto com a agenda 2063, objetivo 5, que é dever do Estado-parte, implementar mecanismos para a segurança, educação e proteção das meninas e mulheres. No mesmo sentido, que é importante ações que promovam o desenvolvimento econômico das mulheres. A luta das mulheres nos países africanos ainda apresenta muitos aspectos de estruturação e conquistas, como legislações específicas de combate a todas as formas de discriminação e violência contra as mulheres.

5 REFLEXÕES SOBRE A ESTRUTURAÇÃO SOCIAL DE GÊNERO NA SOCIEDADE AFRICANA EM CHIZIANE E ADICHIE

A literatura é também uma forma de construir a identidade nacional, bem como apresentar a realidade da sociedade a partir da perspectiva das autoras. Nesse sentido, as

obras destacadas acima, bem como as demais produções da literatura africana e os filmes de produtoras como a Nollywood²¹, são referência nas denúncias à desigualdade de gênero.

O sexismo é uma estrutura universalizada que se modifica e se reproduz nas sociedades, de forma dinâmica, a partir de cada cultura, tradição e relações sociais. Especificamente neste artigo, destacamos como os dois romances explicitam as violações sofridas por algumas mulheres negras africanas e que, ao mesmo tempo, deixam nítida a luta que essas mesmas mulheres empreendem em favor da garantia e direitos iguais, cumulando com o combate todas as formas de discriminação e violência.

Tanto Paulina Chiziane quanto Chimamanda N. Adiche denunciam que a estrutura do patriarcalismo impede as mulheres africanas de serem proprietárias de suas vidas, a ponto de sempre estarem subordinadas e inferiorizadas em relação a um homem. As autoras apontam que, além da busca para inserção no mercado de trabalho, as mulheres lutam para que sejam respeitadas em suas decisões, nas atividades que exercem, na educação de seus filhos e suas filhas, no combate à poligamia e à todas as formas de violência e limitação de direitos²².

As personagens das obras sofrem violência psicológica/moral e física. A primeira acontece com a reprodução constante de que a mulher não serve para nada, além de cuidar da casa e de seu marido. O descuido com essas funções é motivo de desprezo e ofensas. A violência física acontece com as agressões direta como socos, tapas e espancamentos. Até o momento, muitos países africanos não possuem legislação de

²¹ Nollywood é o nome que as produções cinematográficas da Nigéria são conhecidas. Os filmes apresentam a diversidade cultura do país, os costumes, religião e as relações sociais de modo geral, além do debate de problemas estruturais como a desigualdade de gênero.

²² Importante mencionar que o debate da poligamia é complexo, e não pode ser limitado apenas como algo negativo que causa constrangimento e inferiorização das mulheres. Especificamente nas obras destacadas, notamos que a poligamia é apenas masculina, ou seja, apenas o homem tem a possibilidade de casar com várias mulheres, e que ele não garante afeto e atenção a todas com equidade. Por isso, cumpre salientar que há mulheres e homens favoráveis à poligamia.

combate à violência contra a mulher, o que dificulta o reconhecimento desse problema estrutural²³.

Não achamos que o acesso à renda e à educação impede a reprodução das violências contra as mulheres, porque, por questões emocionais e até pressão da sociedade, mulheres instruídas tendem a permanecer com companheiros ou maridos violentos. E quando a agressão não é física, existe uma dificuldade ainda maior de reconhecer a situação como abuso²⁴.

Para Adichie (2015) e Bell Hooks (2018), é fundamental um processo que também ensine as crianças (meninos e meninas) a combater a desigualdade de gênero, bem como que ainda a sociedade é estruturada a partir da inferiorização das mulheres, e que isso deve ser enfrentado²⁵.

A garantia dessa exploração se mantém com fundamento da cultura africana, na religião e, em suma, comunga com a ordem patriarcal. Nesse sentido, hoje, a União Africana reconhece que a desigualdade de gênero é um fator que causa desagregação

²³ O Brasil possui a Lei Maria da Penha (Lei n. 11.340/2006), que prescreve no artigo 7º: São formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras: I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal; II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação; III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos; IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades; V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

²⁴ Na obra Tudo de bom vai acontecer, da Sefi Atta, a personagem principal tinha uma vida econômica estável e era formada em nível superior. Ainda sim, ela sofreu com a violência moral e pela pressão social sobre qual deve ser o papel da mulher no âmbito doméstico. “Enitan, pode servir umas bebidas para esses animais? [...]Você tem duas mãos- eu disse. _minha amiga, mostre mais respeito por mim. - Vá para o inferno – falei. [...] Por que você falou daquela forma na frente dos meus irmãos? [...]. Ele ficou sem falar comigo durante duas semanas, e eu pensei em me separar só por isso; ele podia pelo menos lembrar-se da sua idade, mesmo que eu, de propósito, desses esbarrões nele e fizesse careta pelas suas costas. Mas ninguém que eu conhecesse se separara porque o marido vive emburrado” (Atta, 2013, p. 203-204).

²⁵ “Perdemos muito tempo ensinando as meninas a se preocuparem com o que os meninos pensam. Mas o oposto não acontece. Não ensinamos os meninos a se preocupar em ser ‘benquistos’” (Adichie, 2015).

social, e que destina às mulheres um lugar de vulnerabilidade.²⁶ O Comitê Técnico Especializado de Gênero e empoderamento das mulheres foi criado com a função de:

ratificação e implementação das políticas e instrumentos da UA sobre igualdade de gênero, empoderamento das mulheres e direitos das mulheres; promoção e proteção de todos os direitos humanos das mulheres, incluindo a implementação das obrigações e compromissos dos Estados-Membros assumidos ao abrigo da legislação internacional, continental, regional e nacional dos direitos humanos; promoção de práticas sensíveis ao gênero e realização de compromissos com os direitos humanos das mulheres (African Union, 2022).

No discurso realizado pela presidente da Comissão Africana, Moussa Faki Mahamat, por ocasião do Dia Pan-Africano da Mulher²⁷, afirma que “os principais projetos da Agenda 2063, como céu aberto, economia azul e desenvolvimento de infraestrutura, não podem ser realizados sem o envolvimento total de mulheres e jovens” (Mahatmat, 2019), uma vez que as mulheres são fundamentais em todas as áreas como agricultura, comércio, política e ciência.

A Agenda 2063 é o quadro estratégico para pensar no futuro da África para as gerações presentes e futuras. É uma recomendação adotada pelos países africanos similar à Agenda 2030 adotada com os Objetivos das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável (ODS), em 2015, mas que atende as especificidades dos países africanos (Nações Unidas, 2015).

Nesse sentido, tendo em vista que a mudança estrutural deve ser implementada de modo imediato, a Agenda 2063 impõe o combate a toda forma de reprodução *normal* e *natural* do patriarcalismo, estrutura social que subordina as mulheres pelo fato de serem mulheres, entendidas como pessoas inferiores ou, pior, nem como pessoas, mas como *propriedade* de seus pais ou maridos.

²⁶ Há uma comissão específica para tratar as questões de gênero, que é responsável por liderar, orientar, defender e coordenar os esforços da UA sobre igualdade de gênero e desenvolvimento e promover o empoderamento das mulheres, garantindo que os países africanos cumpram a Declaração Solene da UA sobre Igualdade de Gênero” (African Union, 2022).

²⁷ Data de 31 de julho é para celebrar e reconhecer as Antepassadas da África que lutaram bravamente pela libertação e desenvolvimento deste continente.

6 CONCLUSÃO

A representação e a condição das mulheres na sociedade africana são temas que têm sido constantemente abordados por muitos escritores e muitas escritoras no mundo. A imagem deturpada da mulher africana levou muitas escritoras a abordar os temas mostrando como isso afeta o desenvolvimento de cada sociedade. Repensar o sentido das lutas das mulheres negras africanas e suas particularidades é um dos objetivos da Oyěwùmí (2021), que aponta como é perigoso interpretar e dizer os padrões de civilidade e feminismo à luz do ocidente europeu. A autora mostra que debates sobre casamento, poligamia e estruturas sociais no continente africano é singular.

Neste artigo, apresentamos a representação das mulheres na literatura moçambicana e na literatura nigeriana. As duas obras podem ser classificadas como obras feministas africanas que descrevem vividamente as experiências das mulheres e os vários desafios que enfrentam em cada sociedade aqui considerada.

As obras escritas por essas duas mulheres das cenas literárias de seus países, *Hibiscus Roxo* e *Niketche: Uma História de Poligamia*, servem como o espelho através do qual as mulheres na Nigéria e em Moçambique podem ser vistas. As escritoras abordam vários problemas enfrentados pelas mulheres nigerianas e moçambicanas, mostrando como essas mulheres lutam contra o patriarcado e suas regras.

As autoras mostram que a mulher suporta o sofrimento até certo ponto. Quando chega ao limite, ela vai reagir segundo seu sentimento e trauma, isso mostra o quanto elas são resilientes, esforçando-se sempre para encontrar soluções para os problemas que enfrentam.

A luta contra o patriarcado, sexismo e toda forma de violência é coletiva. O trabalho em unidade, impõe mais força ao movimento pela libertação das mulheres para serem o que elas quiserem e viverem como elas quiserem. Reforça-se que, em nenhum momento, é um movimento contra os homens, pelo contrário, é para que eles também sejam livres da imposição de se comportar como um homem dominador e “provedor”.

Em suma, a União Africana reconhece que todos os Estados-Membros devem implementar políticas públicas e medidas que garanta a igualdade de gênero, mas isso

carece de efetividade, pois também vai exigir mudança legislativa aos países africanos para que as mulheres tenham direito à posse da terra, herança, legislação contra a violência doméstica e outras garantias de direitos humanos.



REFERÊNCIAS

- ADEBAYO, Aduke. **Feminism & Black Women's Creative Writing**. Ibadan: Graduke Publisher, 2015.
- ADETUYI, Chris Ajibade. Thematic Preoccupation of Nigerian Literature: A critical Approach. **Sciedu Press: English Linguistic Research**, v. 6, n. 3, p. 22-26, 2017. Disponível em: <https://www.sciedupress.com/journal/index.php/elr/article/view/12162>. Acesso em: 7 mar. 2022.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Purple Hibiscus**. Lagos: Farina, 2006.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma única história**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AFRICAN UNION. **African Union**, 2022. Disponível em: <https://au.int/en>. Acesso em: 7 set. 2024.
- ALLEN, K. R.; BLIEZNER, R.; ROBERT, K. A. Perspectives on extended family and fictive kin in later years: Strategies and meanings of kin representation. **Journal of Family Issues**, v. 9, n. 32, p. 1156-1177, .
- ARONSON, Elliot; WILSON, Timothy D.; AKERT, Robin M. **Social Psychology**. 7. ed. New Jersey: Pearson Education, 2010.
- ARNFRED, Signe. **Sexuality & Gender Politics in Mozambique, Rethinking Gender in Africa**. Suffolk, UK: James Currey, 2011.
- ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. Tradução de Vera Whately. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- BRASIL. [Lei Maria da Penha]. **Lei nº 11.340 de 2006**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 7 set. 2024.
- BRIGHENTE, Miriam Furlan. Feminismo socialista e pedagogia das mulheres oprimidas: Um caminho libertador em tempo de Neoliberalismo. *In*: **Olhar de Professor, Caderno Temático: a Atualidade do Pensamento de Paulo Freire**, Ponta Grossa, v. 23, p. 1-15, 2020.

CHIZIANE, Paulina. **Niketché**: uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CUNHA, Helena Parente. **Entre Resistir e Identificar-se para uma Teoria da Prática Feminina da narrativa brasileira de Autora Feminina**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução de Heci regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

EMECHETA, Buchi. **Cidadã de Segunda classe**. 1. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução de Ana Luiza Libânio. 1.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário**: notas sobre Marx, gênero e feminismo, volume I. Tradução de Heci regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

JAIYEOLA, Emmanuel Olorunfemi. Patriarchy and Colonization: The brooder house for the gender inequality in Nigeria. **Journal of Research on Women and Gender**, v. 10, n. 1, p. 3-22, 2020. Disponível em: <https://digital.library.txstate.edu/handle/10877/12908?show=full>. Acesso em: 07 set. 2024.

MAKAMA, Godiya Allanana. Patriarchy And Gender Inequality In Nigeria: The Way Forward. **European Scientific Journal**, v. 9, n. 17, p. 115-144, 30 jun. 2013. Disponível em: <https://eujournal.org/index.php/esj/article/view/1161>. Acesso em: 7 set. 2024.

NAÇÕES UNIDAS. Objetivos para o desenvolvimento sustentável, 2015. Disponível em: [Objetivos de Desenvolvimento Sustentável | As Nações Unidas no Brasil](#). Acesso em: 7 set. 2024.

OKOLO, M. S. C. Understanding Gender and Repression through the experiences of Women in African Literature: A Philosophical contribution. **African Journal of Gender and Development**, Obafemi Awolowo University, Ile-Ife, 2019.

OLUWADARE, A. J.; OMORUYI, M. G. Female Entrepreneurial Interest: The role of Individual Antecedents. **African Journal of Gender and Development**, Obafemi Awolowo University, Ile-Ife, 2019.

OMIDIRE, Anike R. O processo de desconstrução dos estereótipos sobre a mulher negra e afrobrasileira em Jorge Amado e Paulina Chiziane. **Ife Journal of Foreign Languages**, 2014.

OMIDIRE, Anike R. **O Feminismo ancestral africano como fundamento da Contemporânea Literatura afro-brasileira de Conceição Evaristo e Miriam Alves**. Tese (Doutorado). Ife Journal of Foreign Languages, 2018.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução de Wanderson flor do nascimento. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

TELLES, Lygia Fagundes. A mulher escritora e o feminismo no Brasil. *In*: SHARPE, Peggy. (org). **Entre resistir e identificar-se**: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu, 2020.

BATISTA, Waleska Miguel; OMIDIRE, Anike Ruth; YUSUF, Omotola Oluwadamilola. As mulheres africanas nas obras “Niketche: uma história de poligamia” de Paulina Chiziane e “Hibisco Roxo” de Chimamanda Ngozi Adichie. **RBSD – Revista Brasileira de Sociologia do Direito**, v. 11, n. 3, p. 84-109, set./dez. 2024.

Recebido em: 01/10/2023

Aprovado em: 08/09/2024